

Em Sentimento da Dialética, comentando a perspectiva globalizante que a dialética assume em Roberto Schwarz, você afirma: “Roberto não só ia anotando o alcance mundial de nossas esquisitices nacionais como ia construindo uma plataforma de observação a partir da qual objetava esta mesma ordem universal. O que reconhecerá em ato no pensamento literário de Machado. Estava assim lançada a base de uma Ideologiekritik original. O mesmo chão histórico que barateava o pensamento e diminuía as chances de reflexão – pois aqui se desmanchava o nexó entre idéias e pressuposto social, o que lhes roubava a dimensão cognitiva –, devolvía a faculdade crítica com a outra mão, fazendo nossa anomalia expor a fratura constitutiva da normalidade moderna”. Quais os alcances de uma tal Ideologiekritik, e como você vê este conceito hoje?

Eu não sei se explico bem esse termo *Ideologiekritik*, acho até que renunciei a defini-lo no texto. Vou explicar um pouquinho para dizer o que há de original no Roberto e o que eu tinha na cabeça quando estava redigindo esse trecho. A crítica da ideologia aparece quando os clássicos do marxismo reinventaram a palavra “ideologia” e usam a idéia de crítica, advinda do século XVIII, do Iluminismo. É bom não esquecer, a palavra “crítica” está presente no subtítulo d’*O Capital*: “Crítica da economia política”. Portanto não se trata de doutrina, mas de Crítica. Com Kant, a Crítica passou a ocupar o lugar da Teoria, como ele mostra na *Crítica do Juízo* – e é o mote da grande tese de Lebrun, *Kant e o Fim da Metafísica*.

Quando emprego o termo, estou pensando sobretudo na formulação dos frankfurtianos. Para eles, o termo ideologia não é mais pejorativo, a ponto de constatarem que a ordem capitalista regrediu tanto que nem mais ideologia produz. A ideologia sempre tem um fundamento de verdade. Ela não é inteiramente falsa, nem é inteiramente verdadeira, não é um mero engodo. A idéia de ideologia como uma manipulação de massa, em que se ludibria os indivíduos, é uma idéia iluminista – é denúncia da superstição. A novidade do materialismo de Marx é que ele rompe com essa tradição iluminista, com a “história do erro”, com a idéia de que a difusão das luzes dissipará as trevas. E por si extrai da filosofia clássica alemã a idéia substantiva de “aparência”, que se converterá na idéia

materialista de “aparência socialmente necessária”. A simples crítica raciocinante (como queriam os iluministas) não faz com que essa aparência se dissolva no ar.

Quando se fala em ideologia, pensa-se em racionalização. E não se trata apenas disso. Repito que a matriz da idéia de crítica da ideologia é o idealismo alemão, até porque ele mesmo é a transposição (não deliberada, é claro) do funcionamento real desse processo social de produção da ilusão. O primeiro a se dar conta desse novo âmbito material da Crítica foi Hegel. A fonte de Marx, a idéia de crítica da ideologia, é a idéia de reflexão tal como ela aparece na *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. O que faz a consciência, segundo Hegel? Ela se ilude também, ela é uma fábrica de ideologias. Mas ela se distingue pela seguinte peculiaridade: a reflexão. Essa reflexão vai reaparecer em Marx, só que de maneira a um tempo fantasmagórica e real, objetiva. É o capital que se refere a si mesmo, o fetiche do fetiche. Ele funciona como se fosse uma consciência: valoriza-se a si mesmo, refere-se a si mesmo, mede as suas quantidades, etc.

Em Hegel, a consciência, ao mesmo tempo em que é uma fábrica de ideologias, é a crítica dessas ideologias, porque ela corrige a si mesma. Ela é a sua própria medida. Na formulação de Hegel: “ela é o seu próprio conceito”. Ela afirma uma verdade sobre si que até então desconhecia, e, ao expor essa verdade, ela a compara com a sua experiência dessa mesma verdade e, desse juízo passado sobre si mesma emerge algo como um sentimento dramático de seu descompasso, de sua divisão. Negação interna que procura resolver por uma nova operação crítica comandada pelo seu próprio padrão de medida. Portanto a ideologia e a falsa consciência não são inteiramente falsas, há um momento de verdade que é inconsciente e obscurecido, porque há uma relação de poder e de dominação na ideologia, o impulso do auto-engano, da racionalização, etc. De sorte que o conceito de Ideologia por assim dizer confia numa verdade substantiva que existe, e é expresso por idéias, que por sua vez são eminentemente práticas. Por isso a idéia que está embutida na ideologia é a que Kant tinha em mente, que é sempre idéia da razão, e necessariamente prática, pois tem a ver com sua realização ou não no mundo.

O que é chamado de ideologia burguesa, que vai do cristianismo já totalmente secularizado e racionalizado (no sentido weberiano) até a arte, passando pelo direito natural e pela filosofia, é uma espécie de repositório de verdades da humanidade em seu progresso rumo a emancipação. Então justiça, liberdade, igualdade, fraternidade, universalidade,

beleza são idéias verdadeiras. Só são falsas na medida em que na ordem burguesa se apresentam como já realizadas. Foi o jovem Marx quem começou a dizer isso: “a crítica da ideologia nada mais é do que obrigar o mundo a confessar aquilo que ele já é, não estou acrescentando nada”, ou seja, na hora em que o mundo se confessa, ele se corrige. E a revolução é essa confissão, em que ele reencontra a sua verdade, expressa na inconsciência da ideologia. A ideologia, portanto, transcende a realidade, está para além da realidade. A realidade está aquém, e a ideologia é falsa porque é uma promessa não cumprida. A crítica da ideologia é uma operação lógico-social, crítico-revolucionária – como dizia o jovem Marx –, que permite que essa verdade se reencontre consigo mesma. Ou seja, no momento em que aparece, implica necessariamente uma transformação social. Há, dessa forma, uma falsa universalidade que, confrontada com a sua realização defeituosa, por assim dizer se regenera coincidindo afinal consigo mesma. O que é isso? Uma pressuposição muito forte que implica numa concepção otimista da história. Trata-se, em suma, de uma filosofia da história. E a configuração derradeira dessa mola secreta da crítica da ideologia, sua incessante correção interna, é a famosa contradição entre forças produtivas e relações sociais de produção. A revolução é essa reviravolta, tal que há uma experiência da consciência no sentido hegeliano. De modo que há um sistema de universais que constitui o arcabouço da civilização liberal burguesa clássica, do século XIX até a grande crise entre 1914 e 1939, no interior do qual a crítica da ideologia funciona justamente como o impulso de realização do ideário burguês. Por isso que, nessa vertente originária do materialismo, o capital e a burguesia são progressistas por definição, liberalismo e socialismo se implicam mutuamente. Nesse sentido, a crítica da ideologia funciona como uma negação determinada, no sentido hegeliano. No caso de Hegel, por se tratar de uma filosofia especulativa, essa identidade do conteúdo consigo mesmo já está assegurada, vai haver necessariamente um *happy end*. Por isso, quando começa a *Fenomenologia do Espírito*, nós já sabemos que tudo vai dar certo, assistimos a consciência se educando através de sucessivas críticas movidas pela crítica imanente de seus castelos ideológicos, como nessa toada o negativo das perdas se converte em positivo, a consciência vai se enriquecendo à medida que é desenganada.

Mutatis mutandis, com o capital é o mesmo enredo. Ele permite tecnicamente superar pela primeira vez a escassez, e, portanto, permite à humanidade encontrar-se consigo mesma e encerrar a sua pré-história. A sua pré-história é a história dessas ilusões, a

história de promessas emancipatórias de justiça, liberdade, igualdade etc. Mas uma emancipação por enquanto apenas negativa, que os sociólogos chamarão de modernização. E ninguém pode dizer que é contra tais promessas, até mesmo em relação à promessa da propriedade, pois é no socialismo que a propriedade vai se realizar como tal. Dessa forma, há um processo movido a ilusão, mas que traz consigo o germe da sua satisfação interna. A crítica, assim, é uma comparação consigo mesmo, como se o ideal burguês clássico fosse constantemente posto à prova e se saísse bem sempre dando um passo adiante.

Ora, no caso de Machado de Assis, Roberto Schwarz não pensou mais nesses termos, quer dizer, nos termos de uma boa superação. O que ele descobriu? Que a idiosincrasia, a originalidade e a genialidade de Machado permitiram pela primeira vez verificar que a crítica da civilização burguesa, o que os clássicos chamaram de crítica da ideologia, estava funcionando de maneira diferente. Para Roberto, a razão pela qual a *Ideologiekritik* funcionara até então coerentemente na Europa liberal mas não no Brasil não estava no fato de que a experiência periférica da coexistência sistêmica de capitalismo e escravidão falseava a própria vigência dos padrões civilizatórios da idade liberal burguesa. O que ele está dizendo é o seguinte (e é isso que tento dizer no texto citado por vocês): nós temos a possibilidade, através de Machado, de entender o que está acontecendo na Europa. E o que estava acontecendo na Europa, na época de Machado, era a derrocada da civilização liberal burguesa. Para Roberto, os dois termos da crítica da ideologia, o universal e a sua realização particular, como que se relativizam e rebaixam mutuamente.

Dessa forma, não era porque éramos atrasados, coloniais, escravistas etc. que estropiávamos a universalidade do programa liberal burguês. É porque ele já estava contaminado desde a raiz, isto é, a nossa experiência demonstrava o formalismo da civilização liberal capitalista, mostrava que ela podia conviver com não importa qual tipo de barbaridade, como a escravidão, por exemplo. O caráter formal, ou seja, a equivalência generalizada e a abstração, fez com que essa civilização pudesse conviver com todos os tipos de “retrocessos” que, na verdade, nos tornavam seus contemporâneos. De modo que o motor da crítica clássica da ideologia já estava começando a falhar e foi, pouco adiante, desmoronar com o nazismo, ou seja, com a crise terminal da civilização burguesa, que começou a madruguar com o imperialismo. Dessa forma, Machado, em seus próprios termos, estava refratando a experiência imperialista do desmoronamento da civilização liberal. A

norma universal burguesa foi desmoralizada pela sua particularização local, que ela no entanto, ao mesmo tempo desqualificava.

Isso aparece quando as duas coisas se juntam e culminam na comédia ideológica de Machado, que é a relativização recíproca desses dois lados. Isso não estava nos clássicos, e apareceu pela primeira vez com os frankfurtianos, isto é, com o colapso da civilização burguesa quando caíram os dois lados: a norma ideológica geral e o impulso de elevar a realidade ao seu próprio padrão imanente. Consta que Horkheimer teria dito que falar em Negação Determinada ou *Ideologiekritik* diante da ruptura histórica representada pelo III Reich parecia-lhe uma indecência. Então a crítica progressista da ideologia burguesa caiu por terra, o que Machado anteviu e foi tirando as conseqüências. Como artista, ele era radicalmente crítico em relação ao capitalismo, mas já não podia mais ser linearmente progressista. Se o fosse, seria mais um Silvio Romero. Daí a invenção satírica do “humanitismo”, uma salada grotesca da fraseologia burguesa mais avançada para sacramentar barbaridades cá e lá. É nesse sentido que a crítica da ideologia foi renovada. Por isso o sexto sentido do Roberto foi lá e acertou, até hoje fico impressionado.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.